

"BENZER É UMA BENÇÃO": a prática de benzimento a partir da narrativa de um benzedor

Edicleuza Costa Ribeiro (UEA/BRASIL)⁹⁴

<https://orcid.org/0009-0000-0605-2176>

Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro (UFAM/BRASIL)⁹⁵

<https://orcid.org/0009-0006-0969-9403>

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre a prática do benzimento, baseada nas vivências de um benzedor de Barreirinha, Amazonas. A pesquisa combina estudo bibliográfico com observação direta e entrevistas, visando entender o processo de cura através do benzimento. As discussões são organizadas em dois tópicos principais: 1) A arte de benzer: uma produção dos conhecimentos tradicionais, que aborda a prática do benzimento e a preparação do benzedor para os desafios da profissão; e 2) A "panema": evocação à feitiçaria ou punição?, que examina a relação do homem com a natureza e como a desobediência aos cuidados com os recursos naturais que pode resultar no estado de panema ou malinesa. O trabalho destaca como essas práticas são parte integrante do conhecimento tradicional nas comunidades amazônicas.

Palavras-chave: Amazônia; benzedor; panema; religião.

"BENZER IS A BLESSING": the practice of blessing from the narrative of a benzer

ABSTRACT

This work presents a study on the practice of blessing, based on the experiences of a healer from Barreirinha, Amazonas. The research combines bibliographic study with direct observation and interviews, aiming to understand the

94. Possui Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação interdisciplinar em Ciências Humanas -PPGICH/UEA. Linha de pesquisa: Conflitos e identidades étnicas, processos de territorialização, museus vivos (Centro de Ciências e saberes). Bolsista pela Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Amazonas. Ecr.mic23@uea.edu.br

95. Doutora em Antropologia. Professora aposentada da UFAM e pesquisadora junto ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA.

healing process through benzimento. The discussions are organized into two main topics: 1) The art of blessing: a production of traditional knowledge, which addresses the practice of blessing and the preparation of the healer for the challenges of the profession; and 2) “Panema”: an evocation of witchcraft or punishment?, which examines the relationship between man and nature and how disobedience to the care of natural resources can result in the state of panema or malinesa. The work highlights how these practices are an integral part of traditional knowledge in Amazonian communities.

Keywords: Amazon; Healer; Panema; Religion.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema que trata da prática de benzimento a partir da narrativa de um benzedor, possibilita um breve estudo sobre crenças e religiões no cenário amazônico. Desenvolvida no município de Barreirinha-Amazonas, situada às margens do Paraná do Ramos a 375 km de Manaus, a pesquisa identificou ações que direcionam a prática de benzimento, sendo esta realizada comumente por intermédio de benzedores.

Na atualidade, levando em conta as sofisticadas técnicas da medicina convencional e a propósito da temática ora apresentada, a questão que baliza o presente estudo é: Como se dá o benzimento e como se desenvolve a prática de benzedor na contemporaneidade? Sendo esta pergunta o ponto balizador da presente pesquisa, Bourdieu (1989 p. 18) é enfático em afirmar que todo conhecimento é resposta a uma pergunta, ou seja, “se não há perguntas, não pode haver conhecimento científico”. Desta feita, do ponto de vista da problemática em questão, obter respostas exige atenção ao objeto e, principalmente, ao objetivo desta pesquisa que pretende analisar e interpretar a forma pela qual se dá o ato de benzer e como se configura esta prática do benzedor no cotidiano.

A metodologia empregada neste estudo amparou-se em um breve estudo acerca dos conceitos formulados no livro *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*, de autoria do pesquisador Eduardo Galvão (1976), visto que há um criterioso delineamento quanto aos estudos que perpassam a formação étnico-cultural da Amazônia. Neste, o autor dá ênfase à religiosidade com predominância para no catolicismo, bem como analisa os aspectos simbólicos face à imersão em outras práticas que vão para além dos ritos convencionais. Em virtude da pluralidade cultural desta região, é possível perceber nas análises de Galvão (1976) a existência de outras crenças que caracterizam a religiosidade dos amazônidas. Sobre as práticas e ofício de benzer, outras fontes também possibilitaram a compreensão de termos comuns

utilizados na comunicação de benzedores/as. São elas: o livro de Elda Oliveira publicado em 1985 e que traz como título *O que é Benzeção*; e a obra de Deilson Trindade (2013), intitulada *As Benzedeiras de Parintins: práticas, rezas e simpatias*.

Por se tratar de uma cultura que envolve expressões da realidade amazônica, utilizaram-se trechos da toada de boi-bumbá sob o título “Pajé dos Pajés” dos compositores Emerson Maia e Marcos do Boi. A toada aborda aspectos sobre as crenças dos “donos” da natureza, incluindo as simbologias lendárias, como aqueles *bichos* considerados *mães-dos-rios e matas*, fato este que possibilitou o diálogo com as fontes aqui elencadas. Para tratar de situações da realidade local acerca da prática e ofício de benzimento, lançamos mão das narrativas de um agente social, o benzedor Alailson Azevedo que, contatado, se disponibilizou a receber-me em seu centro espírita.

Após essa interlocução, foi possível realizar coletas de dados através da observação direta e sistemática proveniente do trabalho de campo. A partir do diálogo com o nosso interlocutor, este permitiu que fosse realizada a entrevista, cujo passeio nos domínios da história oral, desencadeou a imersão no conteúdo interpretativo dos saberes interdisciplinares conduzidos por esta pesquisa. Os resultados das entrevistas estão delineados neste texto, com o adendo de que se preferiu manter a fidelidade das informações prestadas pelo agente social, preservando-se a originalidade das narrativas no sentido mais estrito da oralidade.

No contexto das discussões e análise dos dados da pesquisa, o trabalho articula assuntos relativos aos objetivos a serem alcançados através das discussões constantes de duas sessões subsequentemente analisadas. Na primeira seção aborda-se o tema “A Arte de Benzer”, assunto a respeito do qual o benzedor Alailson Azevedo, resgata memórias, esclarecendo como se dá o início do ritual de cura a certos males que acometem seus consulentes, para os quais aplicam-se os conhecimentos tradicionais, dando ênfase às crenças religiosas fundadas na tradição oral, bem como explicitam-se os processos de preparação do rito adotado pelo benzedor; uma prática que é transferida de geração em geração. A segunda seção aborda o tema “A panema”, cujo assunto aborda a ritualística da cura no que diz respeito às crenças que marcam o cotidiano de pescadores e caçadores acometidos por forças que incidem negativamente nas práticas cotidianas, sejam elas vindas das águas, no momento da pesca, ou da mata quando se propõem à caça de animais. De acordo com essa abordagem, é possível identificar os tipos de *panemas* desencadeados por feitiçarias ou outras bruxarias relacionadas a ação do homem sobre a natureza ou quando se trata das práticas de desrespeito

aos recursos oferecidos pela natureza. Por fim, nas Considerações Finais, apresenta-se a síntese dessas percepções adquiridas empiricamente por via da pesquisa científica.

A ARTE DE BENZER: UMA PRODUÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Eu senti a começar benzer, já depois de certa idade. É que surgiu essa origem para benzer. E hoje, eu benzo!

Benzedor Alailson⁹⁶

Repassadas de geração em geração, as práticas de vivência cotidiana dos povos da Amazônia informam sobre a produção de conhecimentos tradicionais, dentre os quais está a tradição da prática de benzer, realizadas por diferentes grupos étnicos. Do ponto de vista do conhecimento científico, compete interpretar tais conhecimentos a partir da investigação empiricamente analisada para, assim, compreendermos como se desencadeia esse processo numa dada realidade. Com vistas a compreendermos como se dá a construção desse conhecimento tradicional, nos propusemos investigá-lo a partir da narrativa de um benzedor residente na cidade de Barreirinha no Baixo Amazonas.

O pesquisador Galvão em *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas* (1976), realiza estudos sobre a religião na Amazônia, apresenta aspectos que configuram a crença dos habitantes de um determinado povoado. Aportamos nessas análises visando compreender alguns pontos delineados nas narrativas do agente social Alailson. Trata-se da investigação por meio da qual se propõe, contemporaneamente, estabelecer certos entendimentos acerca de vivências que marcam o cotidiano de comunidades em permanente processo de construção das inúmeras formas de conhecimentos tradicionais por elas acumulados ao longo de um tempo.

Galvão, em seus estudos, para além de afirmar enfaticamente sobre a forte presença do cristianismo na Amazônia, o autor inclui em suas análises outras crenças que configuram as vivências religiosas dos caboclos. Dentre estas, está tanto a crença nos santos católicos quanto em práticas de curandeirismo, xamanismo, cujas influências advindas de seres sobrenaturais e da existência de práticas que possibilitam a cura do mal causado por esses seres. Cabe ressaltar que a possível origem dessas crenças, ocorre em virtude da pluralidade de culturas que incidem, historicamente, na formação social da Amazônia. Nesse sentido, Galvão (1976, p. 66) enfatiza que:

96. Entrevista de Alailson Azevedo realizada em sua residência no dia 26 de julho de 2023 às 11h00.

[...] algumas crenças derivam de tradições europeias conservadas e transmitidas pelos colonos dos primórdios, do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras por escravos africanos e, finalmente, muitas se atribuem ao ancestral ameríndio.

Trata-se, portanto, da variedade de crenças tradicionalmente transmitidas por via da memória coletiva, via de regra, materializada através de práticas como aquelas utilizadas por benzedores/as, aqui interpretadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Para melhor compreensão dos processos advindos das práticas de cura, recorreu-se aos estudos de Oliveira (1985), sobretudo quando a autora identifica e define os traços que compõem a configuração da imagem de benzedoras/es: “Ela/e é um/uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e outros truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”⁹⁷. Oliveira (1985) enfatiza os méritos dessa prática, assegurando que benzedoras/es são autônomos, ou seja, não prescindem de outros profissionais, lembrando a autora, que, após anos de prática, esse ato tornou-se um ofício.

Para se ter a devida impressão acerca dos processos de cura desencadeados como verdadeiro ofício prestado na relação com os consulentes, torna-se conveniente descrever a forma pela qual esse contato se dá nas relações de convivência com essa realidade, tanto do ponto de vista pessoal, quanto no contexto das relações desencadeadas em determinadas comunidades.

A propósito de experiências por mim vivenciadas, a prática de benzer⁹⁸ está presente na convivência com minha família desde a infância. A propósito, minha⁹⁹ bisavó era benzedora e parteira em uma comunidade do município de Barreirinha-AM, num período em que não havia a disponibilidade de atendimento médico acessível àquela localidade. Assim, os ritos de cura se davam na casa de minha bisavó quando dos atendimentos a vários consulentes, cuja demanda advinda tanto de famílias com crianças acometidas por quebranto¹⁰⁰, quanto de adultos com mau-olhado ou de pessoas com *desmintiduras*¹⁰¹. Esse

97. Consultar: Oliveira, 1985, p. 27.

98. Hollanda pontua que benzer significa: “fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa, recitando certas formulas litúrgicas, pra consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu; abençoar.” A benzeção é um ato de súplica. Hollanda in Oliveira (1985, p. 9).

99. Descrição vivenciadas por Edicleuza Ribeiro.

100. Trindade (2013, p. 79), no livro *As Benzedoras de Parintins*, apresenta quebranto como um tipo de mau-olhado.

101. IDEM, acredita-se que a desmintidura seja um osso geralmente afastado da costa ou do pescoço da criança ou do adulto, que é afastado do lugar durante um esforço físico, um

atendimento se estendia também às mulheres grávidas, com acompanhamento durante a gestação até o nascimento de seus filhos, momento em que minha bisavó realizava o acompanhamento do parto, fato que justifica o mencionado termo *parteira*. Para realizar essa atividade e, de acordo com seus ensinamentos, nossa bisavó enfatizava se tratar de um dom adquirido *com e a partir* do nascimento. Trata-se, portanto, de um ato inerente ao indivíduo *escolhido* e que por desígnio *traz* consigo o dom da mediunidade.

É comum entre familiares a afirmação de que a prática de benzer é passada de geração em geração. O que configura a condição inesgotável desse ofício face à linhagem de benzedoras e parteiras nas famílias. Ao longo de minha infância, era comum ver crianças sendo direcionadas a um benzedor ou benzedora para tratar de quebranto, mau-olhado, entre outras enfermidades; uma prática comum, principalmente em locais onde inexistiam atendimentos de saúde ou a presença de médicos. Entre os conhecidos benzedores/as que cuidam de moradores dessas localidades, ocorrem situações que reforçam o nível de confiança nas curas espirituais, cujo poder dessa crença vai se fixando nas memórias dos agentes sociais, que, mesmo tendo acesso à medicina científica, ainda recorrem à tradição das práticas de benzimento.

Para compreender como se manifesta a prática de benzedor, realizou-se visita a um benzedor para acompanhar o desenvolvimento da atividade. Pela manhã do dia 08 de junho adentrei o terreiro denominado “Centro Espírita Mãe Iemanjá”, localizado em Barreirinha, local onde acontecem as sessões de atendimentos. Ali, o senhor Alailson, benzedor muito respeitado naquela localidade, passa a narrar seus primeiros contatos com a prática de benzer cujo ofício se deu quando, ainda criança, passou a observar seus avós:

Foi através de ver minha avó; hoje, o meu pai, desde cedo benziam, meu pai ainda apoio me dando a benção. Acho que essa raiz também surgiu um pouco em mim. Hoje eu trago essa chama, uma benção, né? Através de benzer as pessoas, benzer crianças. Isso se tornou uma coisa muito bonita.

É possível perceber na narrativa de seu Alailson, que a transmissão de saberes tradicionais ocorre através da tradição oral vivenciada no cotidiano. Ele reconhece como uma benção¹⁰² que carrega desde suas raízes e explica afirmando que isto se dá como uma prática muito bonita. Conta o benzedor

ombro ou mau-jeito e precisa ser consertado. (2013 p.178).

102. Oliveira 1985 elenca que a benção é um vínculo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens, de outro, e entre ambos simultaneamente. [...] a benção, objeto de múltiplo e específico do ato de benzer, pode ainda possuir um elemento um efeito de exorcização do mal que repara a tragédia, a dor, a aflição e o sofrimento.

afirmando que começou atuar ainda na juventude, todavia, adverte que passou por um longo período até começar a atividade, afirmando que iniciou a benzer apenas quando sentiu que era o momento certo.

Essa atitude implicou passar por uma espécie de aprendizado para aprender a lidar com as práticas de cura. Quanto a isso, Galvão (1976, p. 89) é enfático ao afirmar que “os benzedores precisam passar por um período de treinamento, realizado por um outro benzedor com mais experiência. Alguns benzedores, começam atuar muito cedo, outros não, precisam aprender a lidar com a realidade”.

Por sua vez, Alailson afirma:

Eu sentia que deveria começar a benzer já depois de certa idade. É que surgiu essa origem para benzer. E hoje eu benzo! Benzo criança, benzo adultos: com ervas, com terço, até com alho. Benzimento serve para quebrante, para mal-olhado, benzimento para afastar certas dores de cabeça, que se chama força do sol; pela quentura do sol escaldante (Alailson, 2023).

Galvão (1976, p. 89) explica que “benzedores/as no povoado de Ita, apropriavam-se de rezas, ervas e terços para realizar a prática, dependendo do mal ao qual os consulentes apresentavam”. Durante a entrevista, Alailson também descreve os tipos de patologias espirituais que as pessoas em busca de socorro procuram. Enfatiza, ainda, que realiza a prática de curandeirismo e benzimento, dependendo do mal que os consulentes apresentam, cujas situações os levam a procurá-lo. Além de mencionar como pode realizar o benzimento e as ervas que utiliza:

A gente benze. Se a gente benzer, se é para benzer um quebrante, se benze com uma palma de arruda, se benze com... Hoje a gente não vê mais quase, mas se chama vassourinha, que é uma coisa antiga, mas ainda existe. É uma planta. Ela serve também para várias coisas. Também com uma folha de peão roxo ou até o alho mesmo. Às vezes você vai benzer também uma pessoa quando está com uma dor de cabeça, da quentura do sol, que a gente fala, também a gente pode tirar com uma folha de limão, molha um pouco, tira a cachaça, põe na cabeça, depois benze com as orações (Benzedor Alailson - Entrevista realizada em 2023).

Há, no entanto, outras formas de adoecimento, conforme aqui identificadas pelo benzedor:

Tem, o Benzimento sobre o mau-olhado, o mau-olhado, que a gente chama, né? De bichos, com o mau-olhado, e também de pessoas mesmo. Daí também se tira com a benção, tira com arruda... o benzimento com arruda. Benzimento com arruda, benzimento com uma folha ou um galho de mucuracá ou até mesmo com umas simples coisas que às vezes as pessoas não

valorizam. O que se chama uma folha de... Urubucaá, é uma folha pequena, que também faz tirar o mal olhando. (Alailson 2023)

Como se vê na narrativa de nosso interlocutor, há um outro tipo de benzimento: o “mau-olhado”, aferido por pessoas ou provocado pelo encantamento de bichos. Os bichos apontados na fala do benzedor, são seres que habitam a natureza e assumem a função de donos de: rios, matas, ou mães de lugares da natureza; são aqueles *seres* que geralmente *tomam*, ou seja, apossam-se da sombra de pessoas ou “*malinam*” de indivíduos que não respeitam suas casas, entendendo-se como espaço dessa vivência a própria natureza¹⁰³. Nesse sentido, segundo Alailson, há possibilidades quanto a cuidar dos dois casos em que ambos seguem os ritos de cura com características específicas de ervas e orações.

A prática de benzer abriga mistérios os quais, salvaguardados pelos benzedores/as, não podem ser revelados. Por resguardar o princípio da inviolabilidade de certos credos ou crenças, apresentei acima algumas narrativas a mim autorizadas pelos guias espirituais do benzedor. Aliás, naquele momento, ao dar início à pesquisa de campo, percebi que inicialmente a qualquer resposta, nosso interlocutor pediu autorização dos seus guias, com o adendo de que apenas falaria no limite do que os mesmos lhes haviam permitido.

Amparada na técnica da observação direta e sistemática, visitei o local de atendimento do benzedor cujas ações se destinam aos ritos de cura aos seus consulentes. Ao dar início à narrativa acerca de suas ações, o benzedor por um momento fecha os olhos, movimentando a cabeça para a esquerda e para a direita. Ao iniciar sua fala expressa profundo afeto, externalizando o quanto se sente feliz em auxiliar as pessoas que o procuram, e quão feliz se sente ao auxiliar, principalmente crianças, dizendo que o ato de benzer exige essa conexão. Sobre uma linda mesa feita do tronco de árvore, estão as imagens de pretos-velhos, entidades que os acompanha ao longo deste ofício, sobretudo quando se trata de benzer crianças, pois, segundo afirma o nosso interlocutor: “Quando vou benzer uma criança, o vovô está sempre comigo.”

Na sessão acima, foi possível perceber como os conhecimentos tradicionais referentes à crenças pautadas na prática de benzimento ainda estão presentes na contemporaneidade. Ou seja, as narrativas atestam que mesmo com o avanço e aperfeiçoamento das mais sofisticadas e extraordinárias técnicas no ramo da medicina convencional, as práticas advindas do conhecimento tradicional, continuam exercendo o protagonismo das crenças populares materializadas por via do ato de benzimento.

103.Consultar: Galvão, 1976, p. 77.

Assim entendido, no subitem a seguir, apresento de forma breve, o simbolismo cultural que perpassa o imaginário sobre a *panema* e como esta crença afeta a vida de pessoas que são acometidas, tanto pelos *encantamentos* humanos quanto pelos *encantados* do reino animal.

A PANEMA: EVOCAÇÃO À FEITIÇARIA OU PUNIÇÃO?

Espírito de gente, espírito de bicho
Espírito da mata, espírito dos rios.

Enéas Dias/Marcos do Boi

Início este tópico utilizando como epígrafe esse trecho da toada de boi-bumbá intitulada “Pajé dos Pajés”, de autoria dos compositores Enéas Dias e Marcos do Boi. Trata-se de um enredo que faz alusão à presença de seres sobrenaturais, donos-de-rios, lagos e matas que assumem a responsabilidade de proteger a natureza diante da ação do homem. Aspectos que aparecem nos escritos tanto do pesquisador Eduardo Galvão como nas narrativas do Benzedor Alailson que versam sobre a tessitura interpretativa do presente trabalho.

Ao realizar essa pesquisa, estava fora do alcance a abordagem sobre esta outra forma de crença, denominada de *Panema*. Porém, ao chegar na casa do *seo* Alailson no horário do café da manhã, percebi que havia algumas ervas e uma garrafa de cachaça sobre a mesa. Com o olhar acolhedor, sorrindo disse: “Esse material é para fazer o tratamento de um panema”. Intrigada com aquela declaração, lembrei-me do célebre livro de Galvão, intitulada “Santos e Visagens” em que o autor faz referência à *Panema*, descrevendo como ocorre essa prática ao tempo em que infere sobre quais os reais motivos que ocasionam esse simbolismo cultural.

Compete, no entanto, compreender sob o ponto de vista de Alailson, quais os mistérios ou significado atribuído ao fenômeno “a panema”, aqui identificado, segundo o benzedor, como uma espécie de punição às pessoas que desobedecem ou desrespeitam a natureza, momento em que, ao defendê-la, os bichos, donos da *casa*, malinam para ensinar aos humanos regras de obediência à mata que lhes serve de abrigo. Mesmo ao ouvir atentamente tais ensinamentos, fiquei em silêncio e pensei: “não queria falar sobre isso!”

Todavia, na casa de seu Alailson fui recepcionada com essa inusitada situação que chama atenção e nos faz refletir sobre uma questão que nos salta à mente: Se se trata de um fenômeno que permeia a prática de benzedores e curadores, por que não discuti-lo, caso ele autorizasse? Assim, rendendo-me ao espírito questionador, nos parágrafos abaixo serão apresentados alguns aspectos que caracterizam a *panema*.

Para Galvão (1976, p. 81) “o conceito de panema passou ao linguajar popular amazônico com o significado de “má sorte “,”desgraça “,”infelicidade “. No imaginário de agentes sociais, auto identificados sob a denominação de pescadores, caçadores, pajés e benzedores, o termo *panema*, apresenta-se carregado de conotações negativas ao assumir características peculiares às práticas de feitiçaria ou de impurezas.

As impurezas são repassadas, por exemplo, por mulheres menstruadas que ao tocarem nos instrumentos de pesca e caça ou pelo consumo da caça por mulheres gestantes, tais atos incorreriam na *panemice*, ou seja, na falta de sorte, punição ou fracasso de caçadores/pescadores quanto alcançarem fartas pescarias ou prodigiosas caça aos animais. Galvão (1976) ainda pontua que a panemice ocorre também em virtude do homem não respeitar a natureza e não seguir os preceitos orientados pelos donos dos rios, matas, cujas forças espirituais ou animais habitam esses lugares.

Diante das situações até aqui identificadas, me ocorreu adicionar questões a serem feitas ao seu Alailson a propósito do tratamento ou de outras situações que incidem na panemice. Em face das “punições” que recaem sobre os pescadores e/ou caçadores, perguntei se o benzedor poderia explicar como e quais seriam outras causas que resultariam na “má sorte” ou “desgraça” acometida contra esses trabalhadores? Ele ressaltou que existem alguns tipos de *panemices* e que elas podem ser ocasionadas, de algumas maneiras, através da feitiçaria, causada por conta da inveja de colegas de atividade; por pessoas maldosas, que desejam o mal de certa pessoa, nesses casos pescadores ou caçadores. Segundo Alailson, ocorre o seguinte:

Se atira uma caça, e foge. Se vai pro lago, naquele tempo, usava o arpão pra pesca do pirarucu saca do arpão. Isso daí são os panemas, que são coisas feitas. É através de... Às vezes as pessoas pegam a embiara que fala que é o resto dos peixes, né? Ou suponho, o rabo do pirarucu, o encontro. Isso daí eles pegam, metem no cupim. Tem aquelas pessoas que enterram, tem aquelas pessoas que jogam em sanitário velho, e a pessoa fica dessa maneira, se torna panema, não consegue matar nada. Vamos dizer assim, o peixe sente aquela pessoa. Aquilo se sai da frente, não consegue chegar no momento.

No trecho da entrevista acima, seu Alailson assevera que a *panema* é causada por via da feitiçaria. Galvão (1967), descreve que em Itá:

[...] existem técnicas de prevenção que precisam ser seguidas para se evitar a panema. Porém, no caso de ser acometido pode realizar o tratamento através de alguns simples banhos de determinadas ervas, outras defumação, com alho e pimenta (Galvão, 1967, p. 81)

Refletindo sobre o imaginário daquele período, é possível identificar a similaridade nos dias atuais, a exemplo da narrativa de seu Alailson ao descrever como realizar os cuidados ao identificar a panema, objetivando dissipar a feitiçaria.

Isso daí é a hora que a pessoa procura alguém para fazer os banhos. Isso daí, batir a panemice. Entendeu? Que é feito com ervas. Erva mesmo. Ou erva, ou casca de pau tem vários tipos de banho. Entendeu? Então, o que é feito com pimenta, catauari, cachaça. A pessoa se lava, lava os braços, lava a arpoeira¹⁰⁴, lava astia¹⁰⁵, tudo lava. Lava a canoa, se é o caçador, toma o banho, lava a espingarda, lava as coisas necessárias que você leva (Alailson, o benzedor – Entrevista realizada em 2023).

O Benzedor menciona, ainda, a existência de outro tipo de *panemice*, alertando que essa seria mais complexa de tratar. Trata-se da relação homem/natureza. Segundo o nosso informante, devido à falta de respeito e ganância do homem, a natureza, ao se defender, evoca seus donos e guardiões, verdadeiros responsáveis que habitam locais como: rios, lagos, igarapés, matas e terras. Eles assumem o compromisso de cuidar para evitar a degradação da natureza. Galvão, por sua vez, assegura que uma maneira dos habitantes desses locais cuidarem da natureza é utilizando a *malinesa*. Esta resulta do fato que os bichos visagentos e que são aptos ao domínio ou controle de setores do ambiente natural, tal como a mata ou os rios e que servem de vigília contra o descontrole do homem (Galvão, 1976, p. 80).

Para tal, cria-se a crença nas mães-de-bicho, ou mães-de-rios, do igarapé, do porto, do fulcro, como enfatiza Galvão (1976, p. 80). A propósito dessa afirmação, diz benzedor Alailson:

Às vezes a pessoa está acostumada só a ir naquele lago. Às vezes ali tem um dono, que a gente fala, um caboclo, um encantado, que isso daí está naquele lugar, toma conta. E aquela pessoa vai ali todo dia. Chega um momento que eles ficam chateados. Então, eles conseguem tirar, eles conseguem olhar para aquela pessoa e fica aquela panemice. Isso para tirar é mais difícil, é mais complicado. Porque aí se chama... As pessoas falam, né, olhar de bicho, que dizem os antigos, né? Se chama olhar de bicho. Que não é o bicho, não, é apenas o dono que está dando uma... Não, é um exemplo! Só mostrando que ali tem alguém que toma conta daquele lugar. E aí às vezes as pessoas não têm respeito com isso. E eles acabam fazendo isso daí. Isso daí só vai se tirar... Aí já vai outro processo. Aí tem que procurar uma pessoa que entenda.

104. Instrumento utilizado por pescadores, na pesca artesanal.

105. Haste, pau utilizado para encaixar a arpoeira, instrumento utilizado por pescadores na pesca artesanal

Pra benzer, coisas de banho adequado pra poder aquilo sair. Senão, todo tempo a pessoa fica naquela situação. Então esse daí é o panema que fala, né? Os panemas.

Referente à questão acima, perguntei a seu Alailson, o que causaria o aborrecimento dos encantados que acarretaria a *malinesa* dos homens que chegam a esses locais. É possível perceber que essa questão se relaciona ao fato da ganância do homem, em querer se retirar da natureza além do que precisa. Mesmo tendo o essencial, parece que faz parte do mundo humano deprestar lugar sem respeito ao sagrado. Nesse sentido, Alailson é enfático nas suas explicações:

É porque tem aquela pessoa que a gente sabe, quando é para a pessoa sobreviver, matar fome, né? Vamos dizer assim. Tem aquela pessoa que já está tipo um vício. Tem comida na sua casa, tem tudo, mas, às vezes, não quer sair do lago. Então isso, ou não quer sair da mata. Então isso acontece. Então, a gente faz isso com as pessoas. Porque, por exemplo, se dá um tempo, né? A gente está cansado de lhe ver aqui fazendo uma coisa que não é uma coisa que você está fazendo, que você tem na sua casa. Então, isso leva a gente a fazer esse tipo de coisa, né? Só dá uma brincada, imagina o que a Tá ali fala. Não é tão pesado não.

Numa observação mais atenta, é possível estabelecer um parâmetro entre as ponderações de seu Alailson e as críticas formuladas por Galvão (1976, p. 80) quando afiança que:

Nada acontece ao indivíduo que mata um ou outro animal, ou que de qualquer maneira se utiliza dos recursos naturais à sua disposição, mas quando chega ao abuso... Pode desencadear a malinesa, de maneira a direcionar os homens a realizar os preceitos e cuidados diante da realidade amazônica.

Exercitamos ao longo deste ensaio o diálogo entre os estudos de Galvão e os ritos advindos dos processos de cura desencadeados a partir dos processos de construção daqueles conhecimentos tradicionais praticados numa comunidade amazônica. Isto, certamente, permitiu aprofundar reflexões sobre as memórias e crenças amazônicas, fato que contribuiu para o entendimento dos aspectos abordados através das narrativas de *seo* Alailson, cujos conhecimentos permanecem de forma latente ou explicitamente presentes na contemporaneidade.

Exemplo disso são as práticas de benzimento através das quais reatualiza-se tanto o lugar da memória quanto a preservação dos ritos de cura, ambos materializados na atuação do benzedor doravante análises ancoradas nos subitens aqui interpretados e que evocam assuntos sobre *A arte de benzer: uma produção do conhecimento tradicional*; e *A panema: evocação à feitiçaria ou punição?*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retornar ao objetivo desta pesquisa, foi possível compreender situações que envolvem as crenças religiosas, configurando-as como elementos essenciais para a compreensão acerca de práticas vivenciadas no cotidiano de um benzedor. Para efeito de conclusão, afirmamos que o objetivo de apresentar um repertório interpretativo acerca do ato de benzer, para além do desafio, mostra que tais discussões acerca da prática do benzedor, alcançaram possibilidade de compreensão desse simbolismo, contemporaneamente tão latente e em curso no cenário amazônico.

O tema “Benzer é uma benção: a prática de benzimento a partir da narrativa de um a benzedor”, descortinou, não somente a prática desse agente social, como possibilitou perceber a gratidão que envolve o sentir dessa prática de humanização ao assumir esses conhecimentos tradicionais como verdadeiro compromisso de *ofício*. Outro aspecto que convém pontuar, trata-se da relação que os benzedores possuem em face do compromisso perante a natureza e a forma como objetivam salvaguardá-la.

São situações frente às quais abre-se a possibilidade da intervenção das práticas e crenças de curadores, inferindo-se nos aspectos das pluralidades culturais, características da religiosidade amazônica. Em vista disso, constatamos que essas práticas fazem parte da construção de conhecimentos tradicionais, contemporaneamente vivos no cotidiano de vivência dos povos da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva in: Poder Simbólico. RJ/ Lisboa. DIFEL/ Bertrand. 1989 pp. 17-58.

DIAS, Eneas; BOI, Marcos. *Pajé dos Pajés*. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/garantido/paje-dos-pajes/> Acesso em: 09 de julho 2023 às 17h00.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa*, Itá, Baixo Amazonas. 2. Ed. São Paulo, 1976.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. 1ª Ed, 1985.

TRINDADE, Deilson do Carmo. *As Benzedeiras de Parintins: práticas, rezas e simpatias*. Manaus: Edua, 2013.